

Peter Kleinert

Encontro lúdico com Brecht em Almada

A Boa Alma de Sé-Chuão, de Bertolt Brecht, estreia a 19, no Teatro Municipal Joaquim Benite, pela Companhia de Teatro de Almada (CTA). Um “moderno conto de fadas”, diz ao JL o encenador alemão Peter Kleinert, que dirige um espetáculo ‘desempoeirado’, e “divertido”, com canções, momentos musicais e um elenco jovem, que interpreta duas dezenas de personagens. A protagonista é Rita Cabaço, uma das mais destacadas e premiadas jovens atrizes portuguesas, que ao JL fala também deste trabalho “desafiante” e “diferente” de tudo o que já fez no seu caminho

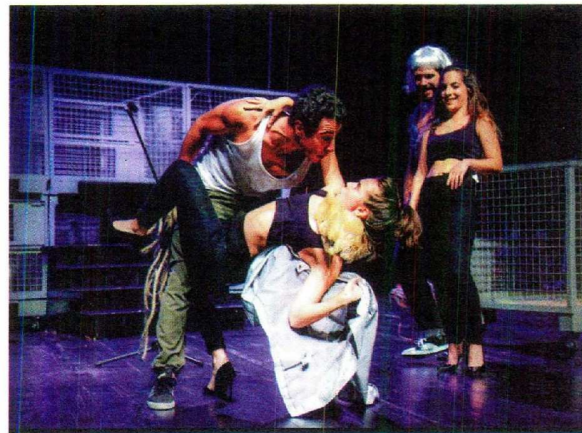
MARIA LEONOR NUNES

■ Sem o tomar como um modelo, nem se deixar “intimidar” por um “clássico”, fugindo a dogmas e clichés, é um Brecht “divertido” que Peter Kleinert procura apresentar em A Boa Alma de Sé-Chuão, o novo espetáculo da companhia de Teatro de Almada (CTA). Porque é preciso “tirar o pó” às peças brechtianas e revê-las e representá-las “à luz dos dias de hoje”, como afirma ao JL o encenador alemão.

O “humor, a poesia, a música, as possibilidades” que oferece aos atores e também o modo como procura “explicar o mundo” são o que mais lhe interessa em Brecht, que considera “um elo entre a tradição e a modernidade”. E em A Boa Alma de Sé-Chuão, peça que agora encena para a CTA, encontra precisamente todas essas características do universo brechtiano e ainda “atualidade”. Sobretudo a pensar na presente Europa, na crise dos refugiados e nas questões éticas que se impõem nos tempos que correm.

Peter Kleinert nasceu em Berlim, licenciou-se em filosofia e iniciou o seu percurso teatral na antiga República Democrática Alemã, como dramaturgista e encenador. Foi codiretor do Teatro Nacional Alemão e, nos anos 90, principiou uma carreira pedagógica, lecionando na Escola Ernst Busch, onde é diretor do departamento de encenação há mais de 20 anos. Desde 2011 tem encenado, com regularidade, na Schaubühne de Berlim. E já dirigiu espetáculos em vários países.

Em Portugal tinha anteriormente trabalhado com a CTA em 1981, com outro texto de Brecht, A Exceção e a Regra. Dois anos antes, encenou alguns excertos de A Mãe, para uma apresentação na Festa do Avante!, com alguns atores da companhia, então Grupo de Campolide. E guardou para sempre na memória a cena em que Canto e Castro, no papel de professor, ensinava a ler os trabalhadores, e as mil pessoas que enchiam a tenda fizeram o mais intenso silêncio. Um momento “único”, que o fez “perceber como o teatro pode, de uma forma muito direta, ser um ato político”.



Peter Kleinert A atualidade de Brecht em Almada

Mas ao político junta sempre o lúdico, porque para Kleinert fazer teatro é sobretudo “contar histórias”. Como se poderá ver em A Boa Alma de Sé-

Chuão, no palco do Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB), a partir de 19. Em palco, vão estar sete atores - Beatriz Godinho, Érica Rodrigues, Inês

Garrido, João Tempera, Miguel Raposo, Pedro Melo Alves, Rita Cabaço, a protagonista (ver caixa), e Tomás Alves. Ao vivo, uma banda vai dar o tom a 30 canções e momentos musicais. Até 11 de novembro, em Almada.

Jornal de Letras: O que determinou a sua escolha de A Boa Alma de Sé-Chuão?

Peter Kleinert: Esta peça foi poucas vezes encenada em Portugal e, devo confessar, a título pessoal, que a aprecio pela sua natureza completa, pela sua versatilidade. Combina estilos narrativos épicos e melodramáticos, em que os atores se dirigem diretamente ao público, com monólogos clássicos, muitas canções e outros momentos musicais. Nela se encontra o fantástico e o real, a comédia e a tragédia, encerrando ainda o melhor teatro não-representativo, em que o ator está sempre presente em cena e existe a par das suas personagens.

Acha que A Boa Alma continua a falar para o mundo atual?

RUÍ CARLOS MATEUS

Embora a peça já tenha mais de 80 anos, acredito na sua relevância e na sua atualidade. Levanta uma questão pertinente e transversal a todos os tempos: poderá o homem viver de acordo com a máxima "ser uma pessoa boa e ainda assim viver bem"? Poderá alguém ser moralmente impoluto numa sociedade onde o egoísmo, a corrupção, a exploração e a ganância crescente são características que tenham em prevalecer? Num mundo onde a igualdade de direitos não se aplica a todos, mas apenas a alguns? Onde bens, direitos e privilégios, a educação, a riqueza, o trabalho e os recursos estão ao alcance de poucos, enquanto outros vivem excluídos, oprimidos, discriminados ou escravizados?

São questões que continuam a interpelar a sociedade contemporânea.

Brecht formula-as ao longo de uma parábola, de um moderno conto de fadas em que o público tem um papel ativo. Assim, embora o espetáculo não vise estabelecer uma correlação direta, por exemplo, com a crise dos refugiados, são inegáveis os denominadores comuns, bem como o idêntico dilema ético que as pessoas enfrentam hoje na Europa: estamos prontos para pôr em perigo a nossa prosperidade e pegar todos os necessitados? Isso é possível? Ou os problemas deste mundo devem ser enfrentados de forma muito mais fundamental? Curiosamente, hoje, para levantarmos estas questões não precisamos mais do teatro.

Em que sentido?

Os filósofos, sociólogos e jornalistas lidam com os problemas do presente de maneira muito mais complexa e detalhada. Ora, quando Brecht desenvolveu o seu teatro épico, era tudo muito diferente...

Qual então o papel do teatro hoje?

Pessoalmente, acho que é muito mais uma confirmação de visões de mundo do que uma verdadeira oportunidade para fornecer novas reflexões. O que importa, para mim, é que o teatro seja surpreendente e divertido. É contar histórias através de uma variedade de meios, da proximidade com o público e da musicalidade da performance. É isso que procuro apresentar neste espetáculo: um espaço lúdico de encontro. Há muita música e o público assume um papel muito importante ao longo de vários momentos narrativos e cénicos que se alternam. Sete atores interpretam mais de 20 figuras, sendo que todas as transformações são assumidas e à vista de todos, porque eles estão sempre em palco, às vezes como músicos, às vezes como contadores de histórias e outras vezes como personagens.

Como tem sido o trabalho com os atores?

Nunca começo os ensaios com uma longa apresentação do meu conceito, com uma palestra teórica ou com uma postura impositiva similar. Começo antes e imediatamente com a exploração lúdica do texto através da improvisação. O ator não se sente

sob pressão, assumindo a responsabilidade da criação da sua personagem como uma coisa que dele naturalmente resulta e flui.

É um encenador que privilegia o trabalho dos atores?

Como encenador, sou um jogador que gosta de fazer dos seus atores outros jogadores dentro da estrutura cénica pensada. Felizmente, no processo de criação deste espetáculo isso foi conseguido, de forma muito satisfatória.

Tem encenado naturalmente muitos outros autores, mas Brecht tem um lugar especial no seu trabalho? O que sobretudo lhe interessa na dramaturgia e no universo brechtiano?

Gosto justamente do humor de Brecht, da sua linguagem e poesia, dos momentos narrativos nas suas peças, das músicas, das grandes possibilidades que oferece aos atores e da dualidade ator/figura. E são estes aspetos que acho interessante explorar nas peças de Brecht, que muitas vezes são sobrecarregadas por décadas de exegese dogmática da lei. Eu prefiro descobrir e explorar o seu lado naif e divertido.

Já encenou Brecht em vários teatros do mundo. Como vê a receção hoje das suas peças?

Brecht é um dos autores que tenta explicar o mundo. Como muitos espectadores vão ao Teatro para ver a sua compreensão do mundo confirmada, ele é um dos autores mais encenados do século XX. Encenei Brecht na Austrália, nos EUA, em França e na Inglaterra porque fui convidado para o efeito. E só posso falar sobre as reações ao meu trabalho, que a meu ver são positivas porque o público ficou surpreendido.

Porquê?

Pela maneira como lidamos com as peças. Acredito que muitas vezes o público conhecia Brecht da escola e as suas expectativas foram moldadas por esse contacto em regra puramente conceptual: teatro épico, efeito de alienação, etc. Creio que a surpresa veio com a descoberta do quão divertido e contemporâneo as produções revelaram (poder) ser.

E qual a importância de Brecht hoje?

É difícil dizer. Considero as peças de Shakespeare, Tchekhov e Beckett e de muitos outros autores igualmente importantes: o teatro - pelo menos na Alemanha - tornou-se avesso ao paradigma da representação, ou seja, do modelo do ator como mero representante de um papel. No teatro pós-dramático, o não-interpretar é muito mais importante do que a misteriosa transformação do ator no papel. Mas no início do século XX, Brecht abriu a porta para que o teatro passasse a ser visto como instrumento não representativo mas reflexivo sobre as histórias que conta. E, nessa medida, acho Brecht importante como um elo entre tradição e modernidade. ■

Rita Cabaco

Um espetáculo desafiante

Uma boa alma é hoje fácil de encontrar? Talvez o mundo precise mais do que nunca de boas almas e a parábola de Bertolt Brecht (1898-1956) seja tão acutilante como quando foi escrita, no final dos anos 30.

Quais são os limites da bondade e da generosidade? Essa é questão com que se confronta a jovem prostituta chinesa Chen Te, a personagem que Rita Cabaco protagoniza em A Boa Alma de Sé-Chuão. "Para ela, o natural é ajudar quem precisa e está em dificuldades, até porque também vive nessas condições, na miséria. Só que, a certa altura, apercebe-se de que se está a prejudicar para ajudar os outros", adianta a atriz. "É compreende que há abuso da sua generosidade, que as pessoas quanto mais têm, mais querem. Por isso, é obrigada a criar um alter ego, que diz ser um primo, que será aquilo que ela não é, frio, concreto, pragmático e que pensa sobretudo no dinheiro, ao contrário dela, que põe outros valores à frente".

Dois faces da mesma personagem em que Rita Cabaco se desdobra. "Todos temos, no fundo, essa parte emocional e racional. Ao criar esse primo, tenta ser boa também para ela", salienta ainda. "Gosto dessa metamorfose, do corpo se poder transformar em duas pessoas

Tanto mais que, tratando-se de um "quase musical", de um "concerto-espéculo", ela também canta." Vale-lhe a confiança na banda e em quem a dirige, Pedro Melo Alves, que adaptou a música original de Paul Dessau. "Estar dependente de ritmos, de tempos, torna tudo mais complicado, mas talvez por tudo isso é tão desafiante", diz. "Aquilo que não conheço, agita-me. É uma linguagem que nunca tinha feito e ainda estou a descobrir como se faz. Por isso é um projeto tão refrescante e ao mesmo tempo assustador. Mas o grupo é fantástico e tenho a ajuda do Peter Kleinert".

A atriz faz notar, de resto, a imensa "disponibilidade" do encenador alemão. "Temos visões diferentes, identificamo-nos com espetáculos diversos. Só que o Peter tem uma coisa maravilhosa: gosta de atores", explica. "E, portanto, há diálogo. Ele já tinha feito esta peça na Alemanha e podia dizer-nos para a fazermos igual. Mas não. Ele ouve-nos. Se fosse autoritário, seria ainda mais difícil, mas tem sido uma ótima experiência trabalhar com ele".

Com A Boa Alma de Sé-Chuão, faz a sua primeira incursão no universo brechtiano. E não foi fácil. "Brecht é muito machista", afirma. "Tem uma visão muito misógina do mundo, o que

A sua decisão pelo teatro deu-se aos 14 anos, quando respondeu a um anúncio para audições na Escola Profissional de Teatro de Cascais. E seria no Teatro Experimental de Cascais, com Carlos Avilez, que se iria estreiar em 2010, em As Bruxas de Salem, de Arthur Miller. Trabalhou depois com companhias como a Comuna, os Artistas Unidos ou a Cornucópia, tendo participado nomeadamente em Música, de Frank Wedekind, encenado por Luís Miguel Cintra, um trabalho reconhecido com o prémio da Associação de Críticos de Teatro. Com os amigos e colegas do Conservatório Guilherme Gomes, Nidia Roque, Bernardo Souto e João Reixa, fundou, entretanto, o Teatro da Cidade, jovem companhia que se estreou com Os Justos, de Albert Camus.

Um percurso de sete anos, em que nunca pensou entrar num espetáculo como A Boa Alma de Sé-Chuão. De certa maneira, vem mesmo ao arrepio do que tem feito. E, nessa medida, tem sido "surpreendente". "Não ando aqui há muitos anos, mas tenho feito um caminho e este quase musical vem no sentido contrário ao tipo de trabalho e de linguagem que tenho desenvolvido", justifica. "Chego a perguntar-me se o devia estar a fazer. Mas, por outro lado, anima-me. Sempre o mesmo seria um aborrecimento mortal. E o que faz sentido, para mim, é ir fazendo aquilo de que gosto e surpreender-me sempre a mim própria". E acrescenta: "Não estou preocupada com a força que poderá ou não ter no meu percurso, nem sei se voltará a acontecer. Simplesmente, está a saber-me muito bem fazer este Brecht, porque é uma coisa nova que estou a descobrir".

O que importa a Rita Cabaco, no teatro, é sobretudo "ter a oportunidade de poder escolher" o que quer fazer, os projetos em que participa, "infelizmente, um luxo", diz ela: "Temos que responder a outras solicitações, porque estamos dependentes de financiamentos. Isso pode impedir de escolher projetos mais interessantes". Apesar de tudo, não terá razões de queixa e consegue fazer as suas escolhas. "Esse é o meu desejo, poder criar os meus projetos com o Teatro da Cidade e, ao mesmo tempo, participar noutros que me identifique, que tratem assuntos sobre os quais me interessa falar e que me provoquem".

Um espetáculo infantil a partir de Metamorfoses, de Ovídio, no Museu das Marionetas, em janeiro, é o próximo projeto. E depois, no Teatro Nacional D. Maria II, uma reflexão sobre o trabalho, o seu lugar na sociedade e o seu poder sobre as pessoas, a partir do conceito de Karochi, um termo japonês que designa precisamente uma morte por excesso de trabalho. ■ MLN



Rita Cabaco O desafio de um "quase musical"

diferentes que são a mesma". E a transformação dá-lhe prazer, também porque, de alguma maneira, abarca a "complexidade humana": "Uma pessoa não é só boa ou má. Não somos preto ou branco, temos várias cores".

Dar essa gama de nuances do ser humano é o trabalho sempre difícil para quem representa qualquer personagem. E, sublinha a atriz, se "criar uma personagem já é interessante, criar duas é absolutamente fascinante". É essa duplicação, além de ser um espetáculo longo e com música, que torna o seu papel tão exigente.

me causou uma enorme fricção, mas estou a tentar contrariá-lo, tentando um equilíbrio entre o que escreveu e que fala de coisas muito importantes, e que são mais atuais do que nunca, e a liberdade de opinião de uma atriz que está em desacordo com esses aspetos machistas, tendo em conta como os vivemos hoje".

Rita Cabaco, 25 anos, foi distinguida no ano passado com o Prémio de Melhor Atriz da Sociedade Portuguesa de Autores e com o globo de Ouro pela sua interpretação em A Estupidez, de Rafael Spregelburd, com encenação de João Pedro Mamede.